

### **Pescadoras artesanais conquistam autonomia e renda através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)**

Tudo começou com uma reunião, muitas mulheres e famílias ribeirinhas e a decisão de transformar a própria realidade. Foi entre 2009 e 2010, quando surgiu a primeira mobilização na comunidade ribeirinha de Passagem, município de Pilão Arcado-BA, na Colônia dos Pescadores Z-49. Naquele dia, 47 famílias assinaram o nome para participar de um projeto que ainda era apenas uma possibilidade: construir uma Unidade de beneficiamento do pescado. Com o sonho de ter uma associação de pescadoras, as mulheres, muitas vindas do artesanato, se organizam em grupo.



Pescadoras artesanais da comunidade de Passagem

O projeto da unidade de beneficiamento foi então aprovado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), órgão do Governo da Bahia, ligado à Secretaria Estadual de Desenvolvimento Rural (SDR). Mas logo surgiu o primeiro obstáculo: não havia uma associação formalizada para oficializar a parceria. A colônia então disponibilizou seu CNPJ para que o projeto se tornasse uma realidade. Entre obras, regimento, capacitações, dificuldades financeiras e desistências, o grupo do beneficiamento precisou se manter firme. Das 47 famílias que começaram, hoje 12 mulheres permanecem firmes, sustentando a unidade com trabalho, resistência e compromisso coletivo.

O O beneficiamento começou com o básico: peixe inteiro e filé. Com o tempo, vieram as formações e intercâmbios entre pescadoras de outras regiões e técnicos parceiros. Foram realizados momentos de troca com as pescadoras experientes e profissionais da área de beneficiamento e segurança alimentar, que estiveram na unidade compartilhando conhecimentos práticos sobre manipulação, processamento e organização da produção. Os cursos ampliaram o conhecimento e abriram novas possibilidades. Hoje, o grupo produz filé de peixe; peixe em cubos, voltado à alimentação escolar; linguiça de peixe; hambúrguer; bolinho; peixe no palito; e sardinha processada. O processo é cuidadoso, desde a escolha do peixe, à higienização rigorosa, ao uso de equipamentos de proteção e organização do trabalho em equipe. Quando o volume é grande, o trabalho é dividido em etapas. Quem termina primeiro sua parte, ajuda as outras. Ninguém vai embora enquanto o trabalho coletivo não estiver concluído.



Trabalho coletivo



Derivados do pescado

A caminhada não foi simples. Faltava selo para o peixe ser transportado, faltavam recursos, faltava mercado garantido. Muitas desistiram no meio do caminho. As que ficaram conquistaram avanços importantes, como um fundo rotativo solidário, organizado pelo próprio grupo. O Fundo consiste numa contribuição coletiva, em que cada integrante paga um valor mensal e, a cada mês, uma delas é beneficiada com o total arrecadado, até que todas sejam contempladas.

Em 2025, com o apoio do SASOP, o grupo acessou o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) de Pilão Arcado. O processo exigiu reuniões, organização documental e diálogo com a prefeitura. Inicialmente, três mulheres acessaram o programa de forma individual representando o coletivo. Em quatro meses (de julho a novembro), foram comercializados cerca de R\$ 40 mil em produtos. Para quem antes vendia de porta em porta, sem garantia de escoamento, a mudança foi significativa. Mais do que renda, conquistaram autonomia e reconhecimento.

“Eu sou mãe solo. Quando entrou aquele dinheiro do PNAE, consegui terminar meu banheiro, para mim foi uma bênção”, relata Suely Oliveira, pescadora artesanal. Lucimeire Santos, outra das mulheres beneficiadas pelo PNAE também comemora: “melhorou minha renda, paguei dívidas, comprei coisas para casa, mas o mais importante foi ver nosso produto sendo valorizado”,

Professores relataram que o peixe passou a ser um dos itens mais aguardados pelos estudantes. Muitos filhos/as de pescadores/as que não tinham o hábito de consumir o alimento passaram a apreciar a partir do beneficiamento local. O PNAE fortaleceu a pesca artesanal, promoveu a inserção das mulheres em uma política pública e contribuiu para a superação de preconceitos em relação ao peixe. De acordo com os relatos das mulheres, antes do PNAE, ninguém tinha o hábito de comprar o peixe e seus derivados para alimentação das famílias .



Filé de Peixe

Atualmente, o grupo funciona com regimento interno, coordenação eleita e divisão de responsabilidades. Tem dias que o trabalho na unidade de beneficiamento conta com a presença de apenas cinco mulheres, outros dias com mais, mas trabalho nunca para e ainda conta com novas mulheres que estão chegando, fortalecendo o coletivo. Da beira do rio à alimentação escolar, o peixe ganhou valor, e, junto com ele, a melhoria na vida dessas mulheres pescadoras.